

HEGEL E OS ESCRITOS SOBRE A EDUCAÇÃO¹

ARMINDO QUILLICI NETO²

RESUMO: O texto revela um pouco da trajetória da vida, obras e do pensamento do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, forte expressão do pensamento alemão do século XVIII. Especificamente, neste trabalho, buscou-se identificar a concepção de educação do autor, a partir das leituras dos textos produzidos pelos discursos sobre educação de Hegel, em especial nas formaturas dos estudantes no Ginásio de Nuremberg, onde o autor foi diretor. Com a frase a formação é sempre um processo difícil e laborioso, é possível perceber o grau de comprometimento do pensador com o processo de formação dos meninos de Nuremberg, pois é desta forma que aplica o conceito de Bildung, fincado na sua concepção de dialética.

Palavras-chave: Hegel. Formação. Bildung.

HEGEL AND THE WRITINGS ABOUT EDUCATION

ABSTRACT: The text reveals a little of the philosopher Georg Wilhelm Friedrich Hegel's trajectory of life, works and thought, strong expression of the German Thinking in the 18th century. Specifically, in this study, we attempted to identify the author's idea about the education from the readings of the texts produced by the discourse on education of Hegel. Especially in school groups of students in the Gym of Nuremberg, where the author was director. With the sentence, formation is always a difficult and laborious process it is possible to realize the degree of impairment of the thinker with the process of the boys training from Nuremberg, because that is the way the concept of Bildung applies, sunk in his conception of dialectics.

Keywords: Hegel; Training; Bildung.

HEGEL Y LOS ESCRITOS SOBRE EDUCACIÓN

RESUMEN: El texto revela un poco de la trayectoria de la vida, de la obra y del pensamiento del filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, la fuerte expresión del pensamiento alemán del siglo XVIII. Específicamente, en este trabajo se buscó identificar la concepción de educación del autor, a partir de las lecturas de los textos producidos por los discursos sobre la educación de Hegel, sobre todo en las graduaciones de los estudiantes en el Gimnasio de Nuremberg, donde el autor fue director. Con la frase la formación es siempre un proceso difícil y laborioso, es posible percibir el grado de comprometimiento del pensador con el proceso de graduación de los chicos de Nuremberg, pues es de esta forma que aplica el concepto de Bildung, presente en su concepción de dialéctica.

Palabras clave: Hegel; Graduación; Bildung.

¹ Agradecimentos à FAPEMIG e CNPq.

² Doutor em Educação. Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia - armindo@pontal.ufu.br

Introdução

O professor, quando na sua profissão espalhou as sementes do conhecimento, retira-se do seu trabalho; ainda que algo do semeado não tenha encontrado solo propício, ele está certo, por causa do espiritual, da força mais elevada que reside na dádiva distribuída; ele pode alegrar-se com o pensamento na semente que será impressa. Porém, raramente lhe cabe em sorte a felicidade de avistar o campo das espigas e de em tal visão de conjunto desfrutar do seu trabalho³ (HEGEL, 1994, p. 22).

Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo alemão do século XVIII, é um dos grandes pensadores que teve a coragem de interpretar e propor mudanças necessárias para seu tempo. Realizou reflexões profundas sobre os principais temas da filosofia, deixando-nos sua principal marca, o princípio da dialética. Fez com que o mundo ocidental tivesse a oportunidade de aprender a ver a realidade de forma diferente, a de que o mundo não está estagnado, mas em constante transformação, e o que motiva tal mudança é o princípio da negação, que é, pois, o que provoca o processo de movimento constante da própria realidade.

A filosofia de Hegel foi seguida por muitos pensadores e também combatida por outros. O próprio Materialismo Histórico, se, por um lado, nega os princípios da filosofia idealista do filósofo, por outro, busca no sistema dialético o método para interpretar e denunciar o processo de expropriação do trabalhador da indústria que se estabelecia na época. Sua filosofia ficou conhecida pelos princípios do Idealismo, e, por isto, estigmatizada como conservadora e que não correspondia à própria realidade.

Hegel deu também sua contribuição para a educação, tanto nas reflexões sobre os princípios, bem como por meio da prática de trabalho nos colégios por onde passou. Foi professor do ginásio e também diretor. Deixou-nos poucos escritos sobre o tema da educação, mas o suficiente para que pudéssemos realizar profundas reflexões sobre o sentido e os objetivos da formação. Defendeu uma formação calcada nos princípios da Bildung, termo que revela o pensamento da educação de seu tempo. A Bildung, entendida como o princípio da formação, trata do processo de superação do estado de natureza em que o homem está no mundo, sendo que a educação é exatamente o “espírito alienado de si”.

³ Expressão de Hegel no discurso de nº. 1, de 1809, em Nuremberg, a ideia de professor em que acreditava.

O leitor encontrará, no texto, não só uma explicitação do pensamento do filósofo, mas também uma reflexão acerca de suas ideias sobre a educação. Enquanto diretor em Nuremberg, a partir de 1808, apontou suas reflexões nos discursos proferidos nas cerimônias de formatura. Fez críticas ao modelo de educação da época, apontou soluções para melhorar a eficiência do Ginásio, buscando responder aos novos desafios do tempo. Sendo assim, a pergunta que acompanha todo o texto, e Hegel a responde com muita propriedade, é a seguinte: diante das mudanças de sua época, principalmente com a estruturação da industrialização europeia, seria possível propor uma formação fundada nos princípios da Bildung moderna?

Hegel, o Tempo e a Filosofia

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart, a 27 de agosto de 1770, filho de Georg-Ludwig, chefe da chancelaria ducado, e de Maria-Magdalena. Após ter estudado no ginásio da cidade, ingressou no seminário de teologia protestante de Tübingen, em 1788. Fez parte de uma geração inserida nas preocupações com a miserável condição do Reich, em contraposição aos ideais humanistas propalados pelo imperador Frederico Guilherme II (1744-1797), que, nos últimos anos de seu reinado, começara a introduzir as ideias do Iluminismo nas escolas e na universidade. Entre os entusiastas dos ideais de liberdade e dignidade do homem, estavam presentes Hegel e seu companheiro Schelling.

Rompeu com o plano de ser pastor por entender que não tinha vocação para tal, ficando em Berna (1793 a 1796) e trabalhando como preceptor, quando se dedicou intensamente à literatura da Ilustração. Com a morte do pai, foi para Jena, onde se tornou livre-docente, com a tese *Sobre as Órbitas dos Planetas*, escrita em latim. Em 1799, foi nomeado professor extraordinário da Universidade de Jena. Por longo tempo, Hegel e Schelling foram amigos inseparáveis, pois comungavam da mesma concepção de mundo, até que Schelling “caminhou no sentido da reação romântica e nacionalista, que preparou a contrarrevolução de 1848”⁴.

O rompimento com Schelling se deu num momento de realização da sua maturidade

⁴ Hegel viu na Revolução Francesa (1789) a possibilidade de solução dos grandes problemas da humanidade. Escreve: “vi o imperador, essa alma do mundo, cavalgar pela cidade, em visita de reconhecimento; suscita, verdadeiramente, um sentimento maravilhoso a visão de tal indivíduo, que, abstraído de seu pensamento, montado a cavalo, abraça o mundo e o domina” (refere-se a Napoleão, na mesma época em que escrevia a Fenomenologia do Espírito (HEGEL, 1980, p. XI).

intelectual, que se expressa nos escritos de sua primeira grande obra, a *Fenomenologia do Espírito*, publicada em 1807. Trata-se da primeira elaboração de um julgamento filosófico a respeito da história, nela se encontram, resumidamente, as meditações hegelianas sobre o problema político, que será o centro da preocupação do autor. A luta contra a irracionalidade da história moderna se faz presente no prefácio da *Fenomenologia*, a insistente ideia sobre a racionalidade: a defesa da *cultura* ou da *formação*, *Bildung*, como forma de superação da *immediateidade* da vida substancial, sempre em busca de conhecimentos e princípios e pontos de vista universais (HEGEL, 1980, p. 7). Por isso, o filósofo insiste, no prefácio da obra supracitada, que a figura da verdadeira cientificidade se realiza somente no *conceito Begriff*, sendo este o termo chave no pensamento de Hegel, em que ele propõe a construção do Sistema da Ciência (HEGEL, 1980, p. 8). No prefácio da mesma obra, Hegel argumenta que, no “estudo da Ciência, tudo consiste em tomar sobre si o esforço trabalhoso do conceito” (HEGEL, 1980, p. 32).

Em 1808, na cidade de Nuremberg, tornou-se reitor do Liceu, também denominado de “ginásio”, que se dedicava ao ensino de nível secundário e pré-universitário, com especificidades no ensino do Grego e do Latim. Em 1812, publicou a primeira parte da *Ciência da Lógica*, e, em 1816, a segunda parte. Em 1816, foi nomeado professor titular de uma cadeira de filosofia na Universidade de Heidelberg, onde publicou a primeira edição da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Em 1818, o filósofo atingiu o ápice de sua carreira universitária ao ser indicado para assumir uma cadeira de filosofia em Berlim. Em 1821, publicou os *Princípios da Filosofia do Direito*. Foi eleito reitor da universidade em 1829. Em Berlim, Hegel proferiu cursos de história da filosofia, sobre a estética, sobre a filosofia da religião e sobre a história. Em 11 de novembro de 1831, faleceu vítima de cólera.

As reflexões de Hegel sobre os problemas políticos de seu tempo remontam à tradição racionalista do pensamento ocidental, sendo possível perceber as influências de Descartes, de Hobbes, de Espinosa, de Leibniz, bem como dos gregos, e a ideia de que o objeto do conhecimento é necessário e *universal*, que o objeto é conhecido por nós na medida em que for produzido por nós mesmos. Contrário ao pensamento racionalista do período hegeliano, os empiristas ingleses demonstravam a impossibilidade da aspiração do conceito de *unidade* e *universalidade*. Para Hegel, a necessidade da filosofia surgiu quando o poder da unificação desapareceu da vida dos homens, revelando, assim, a dedicação de Hegel para a política, o que demonstra um en-

tendimento da própria realidade e dos problemas que os homens viviam no seu tempo. No prefácio à *Fenomenologia do Espírito*, Hegel trata da universalidade do conhecimento, do absoluto e do verdadeiro.

O verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que atinge a completude por meio do seu desenvolvimento. Deve-se dizer do Absoluto que ele é essencialmente resultado e que é o que na verdade é, apenas no fim. Nisto consiste justamente sua natureza: ser algo efetivo, sujeito ou devir-de-si-mesmo [...]. [...] o começo, o princípio ou o absoluto, tal como é enunciado primeira e imediatamente, é somente o universal (HEGEL, 1980, p. 12).

Lima Vaz (1991, p. 117) vê, no sistema hegeliano, uma clara “concepção dialética de homem que articula os momentos da *natureza*, do espírito individual ou espírito *subjetivo*, do espírito na história ou *espírito objetivo* e finalmente do *absoluto*”. Assim, a *dialética* se realiza em níveis de inteligibilidade do todo; é a relação do homem com o mundo natural, com a cultura, com a história e com o *Absoluto*. Nesse último, ocorre o momento mais alto atingido pela dialética do Espírito Objetivo. Dessa forma, “as instâncias dialéticas do *Espírito Absoluto* são as Artes, a Religião e a Filosofia, mostrando que é no homem que o espírito se manifesta como *absoluto*” (LIMA VAZ, 1991, p. 119). Desse modo, o homem, quando filosofa, realiza um processo de superação de sua própria consciência, ou seja, a sua consciência chega à pura razão, ao *absoluto*⁵.

Para a compreensão do pensamento de Hegel, torna-se necessário entender os fundamentos de sua própria teoria, que é a ideia de passagem do *subjetivo* ao *objetivo*, do *único* ao *absoluto*. O *absoluto* deve determinar-se sobre a finitude, a diferença, a contradição, porém o absoluto deve superar esta contradição rumando-se para uma verdadeira infinitude, que é sustentada pelo processo dialético de tese, antítese e síntese.

Hegel constrói uma teoria do conhecimento que está presente nas suas ideias filosóficas, principalmente quando se trata da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, publicada em 1817. Na introdução do texto dedicado a Hegel, na coleção dos Pensadores, o autor aponta as três grandes ideias que sustentam sua teoria do conhecimento: a primeira posição é a da experiência imediata, ingênua, sem ainda ter consciência da oposição do pensamento em si e consigo mesmo. A segunda posição é a que compreende o empirismo de um lado e o pensamento de

⁵ Por isso que Hegel atribui à coruja o atributo de símbolo da filosofia, pois esta alça vãos ao anoitecer e de forma horizontal. Enquanto os homens dormem, ela tem condições de refletir sobre a vida e a realidade.

Kant por outro. A terceira posição do pensamento, diante de seu objeto, trata do saber imediato. Hegel realiza uma crítica das três posições historicamente constituídas na história da filosofia moderna, segundo ele, “a ideia, como mero pensamento subjetivo ou como um mero ser por si (um ser que não é ideia), não se constitui como verdade”. “[...] Só a ideia por meio do ser e ao contrário, só o ser por meio da ideia, é a verdade”. “[...] ambos seriam facetas de uma mesma coisa: o que é real é racional e o que é racional é real”⁶, sendo esta a primeira das duas facetas que sustentam a sua própria dialética. A segunda proposição da dialética é a de que “o ser e o nada são uma só e mesma coisa” (HEGEL, 1980, p. XIII).

Se, para Hegel, a tarefa da filosofia é compreender aquilo que é, e aquilo que é, somente é Razão, assim, a filosofia se sustenta na aproximação do pensamento com a realidade. Para ele, o homem vai encontrar o verdadeiro em sua realidade à medida que for capaz de encontrá-lo no seu interior. Trata-se do que Hegel chama de experiência da consciência que se realiza por meio da dialética imanente que se faz no *em-si* e no *para-um-outro*. Na introdução à *Fenomenologia do Espírito*, Hegel assim se expressa: “Esse movimento *dialético* que a consciência realiza em si mesma, tanto no seu saber quanto no seu objeto, *enquanto*, a partir dele, o *novo objeto verdadeiro* surge para a consciência mesma, é chamado propriamente de *experiência*” (HEGEL, 1980, p. 49).

Contrária à Metafísica, a Dialética tem como instrumento essencial a sua negação. A negação dialética do sujeito do pensamento é, pois, o seu objeto. Mas o objeto do pensamento, o processo de pensamento, a dialética das feições pensadas é que constitui o pensamento. Portanto, na negação entre o sujeito e o objeto é que se realiza a dialética (PRADO JÚNIOR, 1963, p. 595).

Foi na sua *Filosofia do Direito* que Hegel explicitou, também de forma contundente, o seu entendimento da dialética, aclarou o movimento de que o espírito é absolutamente livre e que a vontade se desenvolve como liberdade⁷ no Espírito Objetivo, sendo a natureza íntima do

⁶ Segundo Lima Vaz: “como o próprio Hegel teve ocasião de explicar, não se trata da identidade abstrata do “mesmo”, a modo do ser parmenidiano, mas da identidade dialética do mesmo e do diferente, da ideia e do seu objeto” (LIMA VAZ, 1988, p. 183).

⁷ Segundo Lima Vaz, Hegel denominou a ideia de liberdade de uma “ideia europeia”. Do ponto de vista da historiologia hegeliana, tal expressão denota que ideia de liberdade pertence à esfera da manifestação mais alta do Espírito, da sua manifestação como razão. Para Hegel, o momento decisivo em que, na cultura do Ocidente, a razão se manifesta como liberdade tem lugar com o advento do cristianismo. Somente então se revela a subjetividade infinita do Espírito

pensamento em todas as suas determinações. O Espírito Objetivo, a dialética da vontade se desenvolve como vontade que é em si livre (SALGADO, 1996, p. 321).

A dialética de Hegel avança em relação aos antigos, principalmente em relação a Platão e Aristóteles, que, para ele, estão “congeladas”, por isto propõe uma síntese sustentada na tríade da “Tese”, “Antítese” e “Síntese”; em outras palavras, o autor explica a tríade da seguinte maneira: O primeiro momento é o lado “abstrato e intelectivo”⁸; o segundo, é o “dialético – negativamente racional”; o terceiro, chama de “o lado especulativo ou positivamente racional”⁹ (REALE, 1991, p. 107).

Em Hegel, a dialética é o ultrapassar *imanente* no qual a unilateralidade e a limitação das determinações do intelecto se expressam por aquilo que são, como sua negação, princípio este que é o sustento da existência dos homens no mundo, é a realização da própria história, é o momento dialético presente em todos os momentos da vida e da realidade¹⁰. Esse aspecto dialético se expressa também na concepção de homem proposta por Hegel, trata-se de um movimento dialético que integra os níveis de inteligibilidade do homem no seu todo, que se realiza numa filosofia do Absoluto. Lima Vaz (1991) apresenta como se processa esse movimento:

[...] o primeiro é o da relação do homem com o mundo natural [...]. Essa passagem do mundo natural ao mundo humano, que torna historicamente efetiva a relação da Natureza com o Espírito, pode ser considerada um dos paradigmas fundamentais da Dialética hegeliana; o segundo é a relação do homem com a cultura, *Bildung*. O indivíduo pode ser considerado humano na medida em que participa do movimento de manifestação do Espírito [...]. O terceiro, a relação do homem com a história, pode ser considerado um desdobramento da sua relação com a cultura. O último e quarto momento é a relação com o Absoluto, [...] as instâncias dialéticas do Espírito Absoluto são a Arte, a Religião e Filosofia (LIMA VAZ, 1991, p. 118).

– a certeza da razão de ser toda a realidade – e a liberdade pode emergir como autodeterminação ou como conceito do Espírito mesmo (LIMA VAZ, 1986, p. 34).

⁸ No primeiro momento da dialética, Hegel valoriza o intelecto, diz que a filosofia não prescinde do intelecto e de sua obra, sendo assim, o pensamento filosófico vai além dos limites do intelecto (REALE, 1991, p. 107).

⁹ No terceiro momento da dialética, Hegel expõe a sua *síntese dos opostos*, é o momento que supera as oposições anteriores, é o que capta as unidades das determinações contrapostas (REALE, 1991, p. 109).

¹⁰ Reale (1991) utiliza os exemplos de Hegel para explicitar o sentido e significado da dialética no seu segundo momento, o negativamente racional: “A semente deve transformar-se no seu oposto para tornar-se broto, ou seja, deve morrer como semente; a criança deve morrer como tal e transformar-se no seu oposto para tornar-se adulto, e assim por diante” (REALE, 1991, p. 106).

Toda a elaboração do sistema hegeliano se sustenta em ideais da construção de um homem que tem sua ação no mundo baseada nos princípios da austeridade, da moralidade, da cristandade, da busca constante de uma universalidade ideal para a sua realização. A dialética sustenta a transitoriedade entre o homem subjetivo e o homem objetivo. A educação é o suporte necessário para a construção do homem de seu tempo. Sendo assim, a época de Hegel foi o momento histórico em que mais se refletiu sobre a educação, tanto pela influência da *Ilustração*, com a tentativa em divulgar o saber para as massas, como pela busca de uma identidade ética para a educação.

Hegel e a Educação

Hegel não deve ser visto somente pela sua atribuição filosófica e, muito menos, como se não estivesse vinculado ao seu tempo e não expressasse as preocupações em relação à formação do homem. Além de viver intensamente a construção de uma filosofia que remonta ao pensamento grego e moderno, inaugura um novo sistema de entendimento da relação do homem com o mundo, o princípio da contradição, a sua dialética. Viveu intensamente as mudanças de seu tempo e se estabeleceu, além de filósofo, como um grande educador, que via no homem as condições para a realização das mudanças, como já visto na sua manifestação sobre a Revolução Francesa.

O filósofo expressou, em suas preocupações, tanto nas questões filosóficas quanto nas questões educativas, toda a experiência de educação do período da *Ilustração*. É possível dizer com Humboldt, que “na segunda metade do século XVIII, aparecem na Alemanha mais escritos e artigos sobre educação e ensino, que nos três séculos anteriores” (GINZO, 1991. p. 8). Todo Período da Ilustração, tanto inglesa e francesa, quanto alemã, representou uma espécie de preparação para que Hegel apontasse suas ideias sobre o pensamento. Entre outros pensadores, é possível citar Rousseau, Locke, Lessing, Herder, Ficht.

A educação¹¹ foi a forma prática colocada por Hegel para elevar a condição subjetiva do indivíduo a sua plenitude, que é a vida no Espírito Absoluto. Nomeado reitor do Ginásio de

¹¹ O material utilizado para análise das reflexões sobre educação, são os *discursos sobre educação*, proferidos por Hegel no Ginásio de Nuremberg. O tradutor do material hegeliano testemunha que “estes discursos nos mostram um reitor atento, empenhado na resolução dos pequenos problemas particulares que a direção de uma escola implica. Mas, o que os caracteriza é, sobretudo, o “vaivém” constante do particular ao universal”. “[...] As disposições particulares são apoiadas numa fundamentação teórica e os princípios gerais apresentados conduzem a opções práticas determinadas” (FERNANDES, 1994, p. 9).

Nuremberg, em 1808, a convite de seu amigo *Niethammer*, pôde defender sua convicção de filosofia integrada com a educação, realizando a busca de um “bom senso” pedagógico, o que pode levar alguns a entender como uma postura pedagógica conservadora. *Niethammer* era conselheiro Superior das Escolas e dos Cultos para a confissão protestante e responsável por importantes reformas do sistema educativo, era defensor do *neohumanismo*¹² e “critica o *utilitarismo* próprio da pedagogia iluminista, fruto da unilateralidade do entendimento, contrapondo-lhe à superioridade da perspectiva antropológica totalizadora assente na razão” (FERNANDES, 1994, p. 7).

O que se encontra em Hegel é um verdadeiro compromisso e a valorização da educação fundada em reflexões da realidade grega e moderna, trata-se de um retomar constante da cultura dos antigos e ao mesmo tempo, o repensar de toda a construção histórica, filosófica, cultural e educativa de seu tempo. Por isso é que os principais aportes do pensador são: a *República de Platão* e o *Emílio de Rousseau*.

Hegel não deixou nenhum trabalho específico sobre pedagogia, ficaram alguns escritos esparsos, como os discursos feitos em Nuremberg e relatórios de caráter administrativo, no entanto os discursos ocupam um lugar de destaque sobre as questões pedagógicas de onde se pode depurar a sua visão de educação. Hegel tem uma preocupação especial quando se trata de educação. Insiste na preocupação do “sujeito particular da sua dimensão espiritual, a sua elevação até à universalidade” (FERNANDES, 1994, p. 10).

Há que se afirmar que os autores que se dedicaram a estudar o pensamento de Hegel, especificamente nas discussões sobre a educação, encontraram a problemática educativa em um eixo antropológico, ou seja, o homem era o centro de todo o sistema desenvolvido pelo autor. O pensador via a pedagogia de sua época com grande preocupação, pois esta corria o perigo de cair num vazio de conteúdos, e a insistência nos conteúdos da prática docente em substituição aos dos métodos pedagógicos podia empobrecer o trabalho educativo.

Fernandes (1994, p. 10) demonstra que Hegel diferencia os aspectos do ensino secundário em relação ao ensino universitário. No ensino secundário, a “atenção se dirige para o apoio

¹² O *neohumanismo* se opõe ao *filantropismo* de orientação essencialmente prática e profissionalizante. “*Filantropismo* foi um movimento pedagógico de inspiração iluminista, promovido por J. B. Basedow (1723-1790), pretendendo desenvolver a máxima felicidade para todos os homens por meio da educação. Inspirava-se particularmente em Rousseau e Locke. Assim defendia uma reforma radical do ensino, segundo uma orientação fundamentalmente prática” (FERNANDES, 1994, p. 8).

a cada aluno, na sua aprendizagem de conhecimentos que já foram adquiridos pela ciência, enquanto na Universidade, o lado científico ganha a primazia”. Sendo assim, o ensino secundário deveria ser desenvolvido em bases sólidas, à base das *aptidões*, dos *conhecimentos* e dos *princípios morais*.

Os *discursos sobre a educação*¹³ foram realizados durante as formaturas de conclusão dos cursos secundários, no ginásio, em Nuremberg, entre os anos de 1809 e 1815. Caracterizaram-se pela multiplicidade de temas e de significado também diverso. Tratavam da relação da escola com a família, numa tonalidade austera e solene, mas que constitui uma unidade, que é a ideia de “escola como lugar por excelência e de mediação entre o indivíduo e a ciência, entre o indivíduo e os interesses individuais do Estado”. Tratavam de temas variados, tanto de ordem prática da educação, como de questões vinculadas à formação do caráter ético e à formação dos conteúdos científicos e filosóficos, porém garantiam uma espécie de eixo condutor sobre os temas trabalhados:

A dignidade da função docente, os métodos de ensino, a escola como instituição, a importância do ensino da cultura clássica, a formação ética dos jovens, a avaliação, a relação entre a escola e o meio, as relações entre a formação geral e a formação profissional (FERNANDES, 1994, p. 12).

Na introdução aos *discursos sobre a educação*, o tradutor revelou a forma como Hegel apresentava suas aulas, de maneira ainda superficial, parecendo que o filósofo assumia uma atitude displicente e conservadora como professor. Por conseguinte, olhando com a perspectiva da aula contemporânea, com todos os seus recursos metodológicos e aparatos tecnológicos de que se dispõe na atualidade, percebe-se que Hegel foi um educador de seu tempo, revelou a forma disciplinada da aula. Teve uma prática de recusa da *aprendizagem passiva*, mas também não valorizava o *excesso de reflexão e raciocínio* próprio do aluno.

Em relação a cada tema, Hegel ditava um parágrafo, em seguida, procedia à explicação oral, recorrendo também ao questionar de vários alunos. O ditado tinha de ser passado a limpo e a explicação oral devia ser resumida por escrito. No início de cada aula, um aluno apresentava uma síntese oral da aula anterior (FERNANDES, 1994, p. 12).

¹³ Nos *discursos sobre a educação*, pode-se encontrar a expressão clara e simples de uma série de aspectos fundamentais da problemática educativa, o que tem levado a um crescente número de intérpretes do pensamento de Hegel: “K. Löwith, G. Schmidt, W. Hartkopf, B. Bourgeois, J. D’Hondt, G. Vecchi, J. E. Pleines etc.” (GINZO, 1991, p. 26).

Com a frase a *formação é sempre um processo difícil e laborioso*, é possível perceber o grau de comprometimento do pensador com o processo de formação dos meninos de Nuremberg, pois é desta forma que aplicava o conceito de *Bildung*, fincado na sua concepção de dialética. Assim, não achava que a educação era um simples *desabrochar das potencialidades*, mas uma *alienação*, um processo em que da divisão se podia conseguir a unificação. Daí, a explicação anterior que podemos reforçar aqui, pela qual Hegel traz para a educação o sustento teórico de sua filosofia, que é toda a construção do processo dialético.

Ginzo (1991) refere que a educação é um mundo profundamente aporético, que se reproduz diante de todos os problemas do homem. Esclarece que uma das tensões em que se desenvolve essa realidade é a universalidade e a outra é a individualidade. Se, por um lado, a educação se abre ao universal, socializa, cria um espaço de diálogo, por outro lado a intersubjetividade também supõe um processo de aperfeiçoamento individual e nos capacita a ser mais.

No discurso número 2, do ano de 1809, em que tratou do primeiro ano de trabalho em Nuremberg, é possível compreender o processo de unidade que Hegel defende em suas teorias. Observa-se que, em primeiro lugar, ele valorizava os estudos dos antigos, principalmente da língua, explicitando que a

[...] obra dos antigos contém, portanto, o mais nobre dos alimentos, na mais nobre forma, as maçãs douradas nas taças de prata [...]. Basta-me recordar a grandeza dos seus sentimentos, a plasticidade de suas virtudes [...]. Diz que esta riqueza, porém, está ligada à língua, e apenas por meio dela e no seu seio a atingimos na sua plena propriedade (HEGEL, 1994, p. 33).

O discurso revela, ainda, a busca constante do Colégio em trabalhar um ensino aprofundado e baseado nos princípios dos *autores clássicos*, pois oferecem conteúdo rico em ensinamento, que tem um valor extremamente significativo, revelando o grande compromisso com um ensino que pudesse preparar o homem universal: o ensino da

Religião da Língua Alemã, juntamente com os clássicos nacionais, da Aritmética, mais tarde Álgebra, Geometria, Geografia, História, Fisiografia, que compreende a Cosmografia, a História Natural e a Física, Ciências Filosóficas Preparatórias: e ainda Francês, e também, para os futuros teólogos, Língua Hebraica, Desenho e Caligrafia (HEGEL, 1994, p. 37).

Hegel foi um crítico em relação à pedagogia de sua época, denunciando que muitas correntes pedagógicas eram banais e superficiais. Seu contraponto se deu principalmente com Rousseau, quando este último propôs, no *Emílio*, que o homem é bom quando “sai das mãos de Deus”, ou seja, naturalmente, o homem nasce bom. Hegel entendia de forma diferente, apontando que “a mediação do negativo”, no processo de desenvolvimento do ser humano, era um processo positivo. Segundo ele, “é preciso sair deste estado para ingressar em outro em que imperem a razão e a liberdade tal como um ser espiritual necessita” (GINZO, 1991, p. 38).

Se Hegel se tornou um crítico de Rousseau, isto se deu pela forma como ambos trabalhavam o processo de formação do indivíduo:

Se este é um marco em que se desenvolve o processo educativo, é lógico que o problema do trabalho ocupe um lugar relevante neste processo. Segundo Rousseau, *Quando tenha doze anos, Emílio saberá que é um livro*. Não convém forçar o ritmo da natureza. Em Hegel, a situação adquire outra urgência. É de maior importância que as crianças aprendam a trabalhar (GINZO, 1991, p. 38).

Hegel deu centralidade à questão do trabalho. Não obstante, é uma questão que tem provocado muitos debates atualmente. A escola contemporânea não tem demonstrado muita clareza sobre o processo de formação tanto no Ensino Médio quanto no Ensino Superior. A realização do homem se dá exatamente pelo trabalho, segundo este pensamento, “o animal encontra a satisfação de suas necessidades na imediatez da natureza, o homem só pode aproveitar tal satisfação mediante o suor de seu trabalho” (GINZO, 1991, p. 39).

No discurso número 3, Hegel revela algumas reflexões sobre a vida na escola e que tem muita proximidade com o nosso tempo. Compara seu ideal de educação com o de Pitágoras. Na época do matemático grego, nas quatro primeiras séries, seus alunos tinham que ficar calados, somente ouvindo os ensinamentos. Hegel pensou que aprender não era uma simples recepção das informações, “só a autoatividade da compreensão e a capacidade de utilizar de novo que fazem de um conhecimento propriedade nossa” (HEGEL, 1994, p. 46). Essa reflexão nos remete à primeira metade do século XX, no Brasil, quando se discutia se o ensino deveria ser meramente um ato de recepção do conhecimento apresentado pelo professor, o que se denominou de educação tradicional. No entanto, se o aluno deveria ter uma ação sobre o conhecimento, seria a possibilidade de rompimento com a visão tradicional e a busca da autonomia do estudante sobre o objeto conhecido.

O referido discurso aponta, ainda, para a relação da escola com a família. Para Hegel, as crianças devem chegar às escolas educadas e preparadas para apreender o conhecimento, enquanto que a tarefa dos pais é o de educar seus filhos. O comportamento calmo deve ser o costume das crianças, com atenção persistente, um sentimento de respeito e de obediência para com os professores¹⁴ (HEGEL, 1994, p. 47). Essa postura está presa à ideia do desenvolvimento de *caráter ético* do indivíduo, no qual se estabelece a formação do homem.

O filósofo entende que a escola desempenha papéis distintos e necessários para o desenvolvimento do homem, de um lado, os aspectos *imediatos* da formação, da disciplina imediata, dos costumes e do exemplo. De outro lado, os costumes *mediatos*, que são trabalhados pelo ensino das artes e das ciências. Porém há outro aspecto, que é, segundo Hegel, quase mais importante que os anteriores, que são os princípios e formas de agir levados ao espírito. É a forma como o homem orienta a sua organização espiritual. Aqui, há uma relação próxima dos princípios filosóficos defendidos pelo autor, trata-se do entendimento sobre o papel da educação por meio do termo “consciência de si”. Ele amplia a diferença entre o instinto animal das “atitudes arbitrarias e ocasionais nas suas determinações” e o estabelecimento dos “limites a esse arbítrio a partir de si mesma”, que é a atitude ética do homem (HEGEL, 1994, p. 59).

Outra expressão forte, presente no discurso 04, que revela um compromisso da escola com a formação do homem ético é a ideia de que ela seja um *estádio ético*¹⁵,

[...] em que o homem se demora e no qual adquire uma formação prática, habituando-se a relações efetivas. É uma esfera que tem uma matéria e um objecto próprios, os seus castigos e recompensas e que constitui, efetivamente, um degrau essencial no desenvolvimento do caráter ético no seu todo. A escola encontra-se, de fato, entre a *família* e o *mundo* efectivo e constitui o elemento mediador de ligação, de passagem daquela para este (HEGEL, 1994, p. 61).

¹⁴ Esta preocupação de Hegel chegou ao nosso tempo, nos grandes debates que envolvem a questão do ensino e a aprendizagem, sempre emerge a discussão sobre o papel da escola. Agora, a escola acaba por assumir o papel que antes era dos pais. Tem que se considerar que nossa época é marcada por características muito distintas do período de Hegel: o desenvolvimento da técnica e da tecnologia, a reorganização social, a rapidez nas informações, as mudanças nos hábitos familiares etc. Entretanto, se se considerar o discurso número 04, de setembro de 1811, nele, o autor diz que um estabelecimento de ensino público deve ter como meta a “relação da escola e do ensino com a formação ética do homem em geral” (HEGEL, 1994, p. 57).

¹⁵ Diz Hegel, “a escola é, portanto, a esfera mediadora que faz passar o homem do círculo familiar para o mundo, das relações naturais o sentimento e da inclinação para o elemento da coisa. Isto é, na escola, começa a actividade da criança a receber, no essencial e de forma radical, um significado sério, na medida em que deixa de estar ao critério do arbítrio e do acaso, do prazer e da inclinação do momento; aprende a determinar o seu agir segundo uma finalidade e segundo regras; cessa de valer pela sua pessoa imediata e começa a valer por aquilo que realiza, a conquistar para si o mérito [...]” (HEGEL, 1994, p. 61).

A escola adquire quase que um caráter sagrado em Hegel, pelo seu papel transformador do indivíduo, tirando-o de um estado animalesco e transformando-o em homem capaz de viver eticamente a sua vida e sua relação com as outras pessoas. A solidez da formação familiar se completa com a solidez da formação da escola, a isto ele chama de *educação para a autonomia*, trata-se de uma *revisão constante do jovem ao seu sentimento próprio do que convém*. É nela que os interesses privados e o egoísmo se calam, sendo um círculo onde as ocupações estão sempre ligadas às representações e ideias. Assim, o autor aponta com rigor o processo de formação humana, pois a escola tem que preparar a juventude para que se relacione com o mundo efetivo¹⁶.

O rigor do pensamento de Hegel é expresso em todas as suas obras, tanto nas grandes obras filosóficas como nos seus princípios sobre a educação, encontrados nos discursos de Nuremberg, durante o tempo em que foi o principal líder daquela instituição. Propôs uma formação completa, envolvendo os aspectos práticos da vida, o relacionamento com as pessoas e com o mundo, bem como no desenvolvimento do caráter do indivíduo. A isso se vincula a sua proposição maior, que é a necessidade de chegar a uma ideia do universal, a uma visão ampla da existência humana e da sua relação com os princípios da religião. Percebe-se, portanto, em Hegel, uma grandiosidade de formação da pessoa no seu todo, que é o conceito de *Bildung*, a educação é uma espécie de segundo nascimento.

No entanto, a educação é um processo de melhora e de superação da natureza humana, o estabelecimento de um “idealismo”, conforme assinala Ginzo (1991), que o homem, por ser dotado de espírito, caracteriza-se por sua ruptura com o imediato e com o natural. Sendo assim, “só a formação e a educação fazem o homem ser tal como deve ser”. Nesse princípio, Hegel afirma que “a criança existe como homem, todavia de um modo imediato, natural; a educação é, pois, a negação desta forma natural, a disciplina que o espírito se impõe para elevar-se desde sua imediatez” (GINZO, 1991, p. 35).

O processo de busca de perfeição do homem se dá na relação que ele tem com sua própria realidade, assim, Hegel impõe que a formação seja duradoura, profunda e capaz de conduzir o indivíduo a se perceber frente aos desafios e aos problemas de cada época. A educação

¹⁶ “o mundo efectivo é um todo consistente, ligado em si mesmo, de leis, de organizações tendo como fim o universal. Os indivíduos só valem na medida em que se adequam a este universal e agem em opiniões e mentalidades particulares” (HEGEL, 1994, p. 64).

é um processo de melhora do indivíduo ante seus próprios limites, conduzindo-nos a pensar que o filósofo foi um homem que esteve à frente de sua época insistindo sempre na possibilidade da formação como realização.

Considerações Finais

A unidade do pensamento de Hegel se revela na sua proposta de educação sob uma ideia que se faz presente desde os gregos, principalmente em Platão. Dos gregos, Hegel buscou a inspiração para sua filosofia e imaginou um *pedagogo filósofo*, que tem como princípio o *método dialético para desvelar a estrutura interna da educação*. Assim,

[...] o valor educativo da relação com as coisas mediante o jogo e o trabalho, a conexão entre o indivíduo e a sociedade no processo formativo, a postulação de uma formação humanística em meio da atomização e particularidade da vida moderna, o convite ao rigor entre tantos conteúdos vazios que nos invade (GINZO, 1991, p. 67).

Os textos sobre educação, produzidos por Hegel, representaram um momento teórico e histórico da Ilustração europeia. Estabeleceram uma tradição formativa na história da educação ocidental. Os conceitos lapidados por Hegel são trabalhados, aceitos e discutidos até hoje. Seu valor é inexplicável, dada sua profundidade. Hegel não deixou somente textos sobre educação, mas uma unidade de pensamento, aliando a educação a uma fundamentação filosófica carregada de elementos clássicos, retomando e contrapondo toda a tradição do pensamento por meio de sua dialética, uma das maiores contribuições dos modernos da Ilustração.

O projeto de Hegel se realiza no momento em que conseguimos transpor sua filosofia moderna para uma práxis contemporânea, entendendo que a realidade se faz na ação do homem diante da natureza e na sua relação com a sociedade. Essa realização se consolidará por meio de uma educação que dê conta de uma formação ética do indivíduo e o prepare para a vida em sociedade, partindo sempre da tomada de consciência de si. É a superação da natureza humana, tornando o homem mais perfeito possível, o que o autor chama de *Bildung*.

Assim, a educação continua sendo o grande desafio para a contemporaneidade, tentando encontrar os melhores caminhos, os métodos mais eficientes, os modelos que melhor respondam aos anseios da sociedade. Mas, conforme Hegel, ela trata sempre de um processo de aperfeiçoamento da relação do homem consigo, com sua natureza e com sua sociedade.

Referências

- FERNANDES, Ermelinda. **Discursos sobre Educação**. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 1994.
- GINZO, Arsênio. **Escritos Pedagógicos**. Madri: Fundo de Cultura Econômica, 1991.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Os Pensadores**. Fenomenologia do Espírito; Estética: a ideia e o ideal; Estética: o belo artístico e o ideal; Introdução à História da Filosofia. Traduções de Henrique Cláudio Lima Vaz, Orlando Vitorino, Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- _____. **Discursos sobre Educação**. Tradução e apresentação de Ermelinda Fernandes. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 1994.
- LIMA VAZ, Henrique C. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo. Edições Loyola, 1991.
- _____. **Escritos de Filosofia: Problemas de Fronteira**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- _____. **Escritos de Filosofia II**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Dialética do Conhecimento**. História da Dialética. Lógica Dialética. São Paulo: Brasiliense, 1963. Tomo II.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. São Paulo: Paulus, 1991.
- SALGADO, Joaquim Carlos. **A ideia de justiça em Hegel**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.